

E La Nave Va

E eis que o *Boletim Informativo do IHGES* chega ao seu número 9. E como os últimos, vem com a já tradicional seção *A poesia é necessária*, com trabalhos dos associados e com o *noticiário*, além da programação para o segundo semestre de 1997.

Com nenhum outro intuito que o de informar, com o prezado leitor, mais este *Boletim*.

A DIRETORIA

LANÇAMENTOS

Foi lançado no dia 27 de agosto, o livro *Os Dias pelos Dias*, do poeta e consócio Carlos Nejar, editado pela *Topbooks*. Na oportunidade foi também lançado o *Caderno de Pesquisas*, editado em conjunto com a Coordenação do Mestrado em Literatura Brasileira.

AEI E IHGES PROMOVEM CURSO PARA JORNALISTAS

A Associação Espírito-santense de Imprensa e o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo estão oferecendo curso de atualização em História e Cultura do Espírito Santo, para jornalistas.

NO PRELO A COLEÇÃO "ALMEIDA COUSIN"

Como parte das comemorações do centenário do escritor Almeida Cousin será lançada em dezembro a coleção Almeida Cousin, que constará de livros inéditos de Carlos Nejar, Berredo de Menezes, Ivan Borgo, Renato Pacheco, Yvonne Amorim, João Bonino Moreira, Xerxes Gusmão Neto, Antônio da Silva Monteiro, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Maria Mirtis Caser e Papiniano Carlos, entre outros.

NOTICIÁRIO

ESCRITOR BERREDO DE MENEZES LANÇA LIVRO EM CUBA

O poeta Berredo de Menezes lançou em Cuba, o seu livro *Clarividências del Nunca*, em evento promovido pelo Instituto Nacional de Literatura e Linguística daquele país.

IHGES PROMOVERÁ SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E LITERATURA

Em novembro, o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo estará promovendo em seminário de Literatura e História, com as prováveis presenças de José Sebastião Witter e Jorge Medauar. Na oportunidade, haverá palestras e mesas redondas, coordenadas por Ester Abreu Vieira de Oliveira (Ficção e História), Geraldo da Costa Matos (Poesia e História), Francisco Aurélio Ribeiro, João Bonino Moreira e Renato Pacheco.

PROMOÇÕES DO IHGES

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, para seu exercício de 1997 programou vários ciclos de palestras. Em março, ocorreu o Seminário em homenagem ao Beato José de Anchieta, com palestras de Mário Bonzano, Ivantir Borgo, Oscar Gama Filho, Luiz Busatto, Ester Abreu Vieira de Oliveira e Aylton Rocha Bermudes. Para setembro, estão programadas palestras em homenagem à cidade de Vitória, devendo ser palestrantes Érico Vieira Machado, Christiano Woelffel Fraga, Ricardo Brunow Costa e Yrisson da Silva. Em novembro, será realizado um seminário de Literatura e História, com palestras e comunicações de Renato Pacheco, João Bonino Moreira, Ester Abreu Vieira de Oliveira, Francisco Aurélio Ribeiro, Geraldo da Costa Matos, **todos dos quadros do IHGES.**

POETA CARLOS NEJAR LANÇA LIVRO

O poeta Carlos Nejar lançou o livro *Os dias pelos dias*, editado pela *Topbook*, no dia 27 de agosto, no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Na oportunidade, foi lançado, também, o *Caderno de Pesquisas*, editado pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, da Universidade Federal do Espírito Santo. O *Caderno* é inteiramente dedicado à literatura do Espírito Santo.

ESCRITOR REINALDO SANTOS NEVES GANHA PRÊMIO ALMEIDA COUSIN PARA CONJUNTO DE OBRA

O escritor Reinaldo Santos Neves foi premiado com o *Almeida Cousin*, para conjunto de obra pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, para conjunto de obra, o prêmio, no valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais) foi entregue na sessão solene do dia 11 de junho, pelos presidentes Miguel Depes Tallon, Frederico Teixeira Filho, e Rômulo Salles de Sá, do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da Associação Espírito-santense de Imprensa e da Academia Espírito-santense de letras, respectivamente.

CENTENÁRIO DE ALMEIDA COUSIN

O Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, a Associação Espírito-santense de Imprensa e Academia Espírito-santense de Letras já deram início às comemorações alusivas ao centenário do escritor José de Almeida Cousin, que, em vida, integrou os quadros das três entidades.

Cursos diversos a pensar

Leio na edição do jornal da AEI, de junho/1997, dirigido pelo incansável e abnegado jornalista Frederico Teixeira Filho, notícia encimada com o título "**Espírito Santo para Jornalistas**", dando conta de um oportuno projeto elaborado por competentes e festejados mestres e intelectuais ilustres da ilha, objetivando oferecer aos jornalistas credenciados pelas respectivas empresas, um curso no qual serão ministradas informações sobre o nosso Estado, - sua geografia e sua história -, com as respectivas indicações bibliográficas.

Essa louvável iniciativa, estou certo, virá suprir, em alguns casos e acrescentar em outros, o programa do Curso de Comunicação de nossa entidade maior de ensino, a UFES.

Por isso mesmo, deve merecer o apoio das empresas de comunicação do Estado, interessadas no aprimoramento dos profissionais da imprensa.

Recordo-me que quando Presidente do Tribunal de Justiça, já no final de meu mandato, um importante órgão da imprensa local publicara uma notícia segundo a qual teria eu, na qualidade de Presidente do Poder Judiciário, **determinado** que um ilustre Desembargador fosse o relator de um rumoroso (para a imprensa) processo, cuja tramitação naquela Superior Instância, o jornal acompanhava com vivo interesse, a julgar pela cobertura persistente e quase diária sobre o caso.

Ponderado, e intransigente nos cânones da conduta moral, por formação, redigi ofício à direção do prestigioso órgão divulgador da distorcida notícia, fazendo a ela reparos, e explicando, à luz do Regimento Interno do Tribunal de Justiça, a mecânica da distribuição dos feitos aos desembargadores. Ressaltei que a distribuição do processo coubera, **por sorteio** e, portanto, com amparo em diploma legal, ao ilustre desembargador citado na notícia e não imposto pelo Presidente como equivocadamente veiculado.

Depois de outros comentários a respeito do episódio, eu me propunha encaminhar à Escola da Magistratura proposta para viabilizar a implantação de um curso de média duração para os profissionais da imprensa, com o objetivo de ministrar-lhes noções de direito (objetivo e adjetivo) e bem assim, de ética, com o propósito de oferecer contribuição para aperfeiçoar o relacionamento da imprensa - "**essa comunicação do homem com a Pátria**" - com o Poder Judiciário.

Não cheguei a remeter o expediente porque já em final de mandato, não seria ético passar para o meu sucessor pleito de tamanha responsabilidade. Mas, fica a sugestão para os idealizadores do projeto "**Espírito Santo para os Jornalistas**", no sentido de estenderem o *currículum* do oportuno curso a ser ministrado ou outros que venham a ser implantados.

Rômulo Salles de Sá
PRESIDENTE DA A.E.I.

Por que ?

Vitória, capital do Espírito Santo - cognominada Cidade Presépio! Pendurada aos morros, casas de estuque, barro batido, coberta de palha com carinho, amor e arte.

O progresso chegou empurrando a cidade para o mar aumentando seu espaço, mas sua beleza natural foi ficando, tornando-a cada vez mais bela, suas ruas, seus cantos, minha Vila Rubim tomou outra dimensão e sempre para melhor, com a cooperação do homem transformador, dando mais conforto a nossa VILA...

Por que presépio? Seriam os morros, bairros? Cremos que não - A natureza, é pródiga. Em todos os seus cantos sentimos a mãe Natureza, com o abençoado dedo de Deus.

É bom recordar... Somos de outros tempos, do respeito da família, da Fraternidade, do amor ao próximo. No presente, cousa que nos falta e é muito difícil de retornar-mos ao passado, onde a casa era um lar, porque é no verdadeiro lar que começa a família, a caminho da sociedade para o fortalecimento da PÁTRIA.

Infelizmente é o que vemos e sentimos no presente. O homem, por falta de respeito a si mesmo, tornando a sociedade desacreditada, dentro do meio familiar cristão - Como viver sem sociedade, sem família, não havendo esses dois sustentáculos, não temos PÁTRIA...

Porque tal pensamento? Dizemos nós: Que não pretendemos serrar fila, aumentando o cortejo dos desalmados, fortalecendo a legião dos maus, em desrespeito a nossa formação Cristã.

Mas a nossa caminhada prossegue, assim queira o grande arquiteto do universo, NOSSO PAI...

JOSÉ HYGINO DE OLIVEIRA
(Taneco)

HOMEM !

Procurar viver a sua própria vida é um dever de todos nós. Dentro dos princípios cristãos, o Zeca, sempre foi um simplório, um idealista, e com os seus poucos recursos, pre-

parou seu canto no inferno para seu descanso eterno depois de morto. Foram quatrocentos anos na permanência entre nós. E por que o inferno ? Se todos os demais viventes buscam seu lugar no céu, porque ali encontram-se seus velhos amigos e colegas de

infância, para uma nova jornada, longe da creinice, do desrespeito que assola o planeta terra... eis aí o porque de o Zeca ter optado pelo inferno depois desta passagem entre nós.

José Hygino de Oliveira
TANECO

O que se viveu

Xerxes Gusmão Neto

"O que se viveu / não está morto / nem renasceu" – Cláudio Lachini

Tenho alguns livros. Não é uma biblioteca erudita, nem eu quero que seja. Nem me orgulho de raridades, não sou bom guardador de objetos. Antes, sou repositório consentido de histórias, essas que, às vezes, vou contando por aqui, quando o espaço permite e o conteúdo delas admite. Não sei quantos livros tenho, não sou contador de nada. Mas sei que tenho quase todos que gosto. Por exemplo: nunca imaginei a minha estante sem uma antologia de Drummond de Andrade, porque é uma leitura frequente, uma fonte de energia poética da qual bebo sempre.

Na seção de poesia, ao lado do poeta de Itabira, moram os diversos nomes de Fernando Pessoa, a concisão de João Cabral de Melo Neto, a revolução de Garcia Lorca e mais T.S. Elliot, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Mário Quintana, Pablo Neruda, Carlos Nejar, Rilke, Walt Whitman, Ezra Pound, tantos. Nos romances, tem de Machado de Assis a Henry

Miller, de Guimarães Rosa a Humberto Eco, de Érico Veríssimo a James Joyce, de Jorge Amado a Gore Vidal. E mais títulos sobre cinema, esoterismo, ficção científica e toda uma prateleira de marketing e comunicação.

Olho sempre para esses volumes nos intervalos possíveis. E descubro sempre coisas perdidas. Hoje, achei o livro do Cláudio Lachini, companheirinho da boemia das noites, enquanto foi permitido ser. É aquele **O que se viveu**, com orelha do poeta Domingos Gomes de Azevedo e apresentação do professor Rômulo Augusto Penina, numa edição da Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Largo tudo para reler os bons poemas do italiano e, ao mesmo tempo, contemplar alguns anos da juventude no espelho da memória.

Lachini, tal qual o cronista, gostava muito de frequentar os aperitivos políticos na casa do doutor Aldemar de Oliveira Neves, no Edifício Moscoso. Do ponto de vista do álcool, saía de cachaca de São Mateus a conhaque iugoslavo.

Pelo lado da política, era uma permanente lição de como ser revolucionário sem passar pelo limbo da radicalização. Um notável exemplo de não sectarismo rimando com idéias socialistas em uma época em que isso dava cadeia.

Convivíamos alguns endereços comuns: as reuniões políticas de esquerda, os encontros de poetas e artistas, a faculdade e os melhores bares da ilha e adjacências. No fim das noitadas, ou chamávamos o velho táxi do Queira Deus, que era um desses carros americanos antigos, andando sempre a sessenta por hora, ou atravessávamos a baía para uma última cerveja no bar do Açú, em Paul, à espera do bonde.

É verdade, Lachini. O que se viveu não está morto. O que se viveu não renasce. Mas existe na nossa memória.

● XERXES GUSMÃO NETO é publicitário
(Extraído de "A GAZETA" - 27/07/97)

Soldado Vinte Dois Oitenta e Quatro

HUMBERTO DEL MAESTRO

Ninguém é profeta na própria terra, dizia um sonhador há dois mil anos, e José Hygino de Oliveira, o Taneco, não é uma exceção. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Academia Espírito-santense de Letras, vem colaborando, anos a fio, com as armas que Deus lhe deu, para contrariar o que Osório Duque Estrada declarou em 1916, numa dolorosa crise de afetamento, insinuando que o Espírito Santo não possuía literatura.

Desta feita, tenho em mãos um trabalho seu em prosa, que li e reli, como a consciência me ordenou, no sentido de captar-lhe toda profundidade. Refiro-me ao pequeno volume que ele resolveu intitular **Soldado Vinte Dois Oitenta e Quatro**, que retrata limitado período de sua vida na caserna.

Engana-se quem, a princípio, julgar o escrito um simples memorial. **Soldado Vinte Dois Oi-**

tenta e Quatro é um interessante fragmento da vida do autor, um pedaço sofrido, magoado, que ele teve coragem de trazer a público, com algumas gotinhas de mel.

À página 15, capítulo XII, o encontro com o pai querido, que não via desde menino e que não o reconhece:

– O Senhor Agnelo?
– Somente depois das dezesseis horas, dizem.

– Fiquei esperando à saída.

Não me reconheceu logo que me viu. Peço-lhe a bênção. Ele se detém, olha-me e pergunta:

– Você é o Zeca?

– Sim.

– Vim servir à Pátria!

Nesse colóquio singelo, há um mundo de vida, encantamento e sensibilidade. **Soldado Vinte Dois Oitenta e Quatro** é um livro escrito com o coração. Pequeno, mas bonito, porque fala aos nossos sentimentos.

No dia 11/01/35 Taneco completa vinte e dois anos de idade e nin-

guém fica sabendo. Ninguém?!

O cabo 320 (do qual não quis mais lembrar o nome) não se esquecera:

– Você está aniversariando hoje e não disse nada?!

E à noite, deu-lhe um presente, que ele guarda até hoje, no cofre da memória.

– Hoje vou tocar o "silêncio" para você. É o meu presente de aniversário.

E quando o corneteiro 320 terminou o toque, no leito, o soldado 2284 encontrava-se banhado em lágrimas.

Soldado Vinte Dois Oitenta e Quatro é um livro inteiro de ternura e muito ganhará aquele que tiver a oportunidade de lê-lo. Edição do autor, 32 páginas – 1995.

Obrigado, José Hygino de Oliveira, o Taneco, o mestre da tesoura, pelos momentos agradáveis que me proporcionou.

● O escritor é poeta, membro de inúmeras entidades culturais.
(Extraído de "A GAZETA" - 11/05/97)

O DESPERTAR

VÍCTOR BIASUTTI

Um gato branco forma-se no céu azul.
Há nuvem pelo espaço... Rolando desfaz-se.
Agora um touro fuça a neve contra o Sul;
manada de ursos alvos, aos poucos refaz-se.

Cegonha, no amarelo bico, um peixe traz,
dourado, cintilante, incendiando o horizonte;
sucessão de castelos, torres, catedrais,
desdobrando desenhos, num quadro distante.

Na mágica floresta, um destacado arco-íris
constrói, colorida, uma ponte de água, solta,
que chove seu cristal, pincelando matizes.

Nesse acordar de sonho, ribomba um trovão,
despertando as valadas, outeiros em volta,
a luz de um raio clareia a celeste amplidão.

FÉ

JOSÉ HYGINO DE OLIVEIRA

Um dia meus caminhos
Falarão por mim

– Sim tempos depois
Um dia

Quantos e quantos
Dirão o que ainda
Não foi dito

Por certo cousas que ficaram
Pelos caminhos onde meus pés
Pisaram

– Lá pra trás

Algum dia
Sim algum dia dirão!...

Taneco

MEU PÉ DE CARAMBOLA(Homenagem a Taneco
pelo Dia do Poeta)

Meu pé de carambola
Que ninguém dava bola
Mas eu não te esqueci
Ah! meu pé de carambola
Quantas vezes por baixo de ti
Relembrei meu amaor
O amor que perdi...
Meu pé de carambola
Hoje com meus cabelos grisalhos
Tocando seus galhos
Me sinto ainda criança
Ah! meu pé de carambola
Só eu te dou bola
És minha doce lembrança
Raul de Oliveira

POESIA

ÉRICO DE FREITAS MACHADO (*)

Areia bem fina, a praia.
Balanço do mar, a onda.
Rajada que chega, o vento.
Brilho intenso, o sol.
Horizonte ondulado, a montanha.
Árvores frondosas, a mata.
Murmúrio de água, a corrente.
Suspiro de alguém, o pranto.
Tristeza na alma, a saudade.
Lua no alto, a noite.
Sol lá no céu, o dia.
Choro inicial, a vida.
Riso constante, a criança.
Terra querida, a pátria.
Troca de juras, o casal.
Perfume suave, a flor.
Beleza na terra, a mulher.
Prazer da vida, o amor.

(*) Do IHGES

CAMINHOS

São tantos
Quanto estradas
Tantas encruzilhadas
Tantos problemas
As vezes dilemas
Que deixam o pranto
Em, bargar nossa voz
E o mundo este professor
Que nos ensina a percorrer
As estradas
E assim no entanto
Nos mostra o caminho a seguir
E chegarmos a um final feliz
E nos conforta com amor.

Tacy Cabral Zardini

1993 – VAI EMBORA...

Para Miguel Depes Tallon

Eram dez horas quando eu saí de casa!...
noite fria, sem agasalho...
vinte e dois de março, quando eu saí de casa...

– Para onde vais, jovem sem experiência, sem
vida?...

Era noite, quando eu saí de casa...
Hoje medito, entre o passado e o presente...
Tudo era tétrico quando eu saí de casa...
os segundos, minutos, o tempo nada destruirá.
Os anos passaram e a recordação ficou...
eram dez horas quando eu saí de casa...

Taneco

ALÔ

ANTÔNIO DA SILVA MONTEIRO

Hoje de manhã
A Cinda atendeu o telefone,
Escutou, olhou-me
e perguntou:
Qual é o número do telefone
do Júlio ?
Atônito respondi:
Não sei o número do
Telefone do Céu !

Pedra Azul - 20/05/97

LEGENDA PARA UM BERÇO

PAPINIANO CARLOS

Arcanjo da insurreição
na noite
teu rosto
assoma
iluminado
frágil mudo cego ainda
– semente asa humano
canto do futuro!

DIAGONAL DE LUZ!De Montmartre
Encabeçando Paris

Turbante
lunar
Sobre
a
to
r r e

Ester Abreu Vieira de Oliveira

PRIMEIRA IGREJA ABATISTA DE VITÓRIA

(Homenagem do Autor pela passagem do seu aniversário)

SETEMBRO, MIL NOVECENTOS E TRÊS,
casa de chão, de zinco a cobertura,
em ARGOLAS, pela primeira vez,
cantaram Hinos, leram Escritura.

Francisco Silva, Reno, Almir, Barbosa
Kaschel, Lopes, Fanini, Samuel
e Oliveira PASTORES, verso e prosa
pregam, palavras doces como mel.

E, NOVENTA E QUATRO ANOS, são passados
e DIA DOIS, festivo aniversário,
felizes oram, dizem: ASSIM SEJA,

Irmãos queridos, crentes consagrados
e breve chegará o CENTENÁRIO,
aplausos, parabéns, PRIMEIRA IGREJA.

*Autor: JOSÉ PAULO DE SOUZA FILHO
(AUTOR DO LIVRO SILÊNCIO - Pg. 89 - 1ª edição)*

IN MEMORIAM (Para um Pracinha)

HERALDO BRASIL

Olhe minha mãe
Não sei o porquê da mágoa
A água não ativa a flor
Mas a flor ativa a água
Cidadão desse mundão
É herói de tanta guerra
Quando volta vem dizendo
Tô pisando em minha terra

Sem nenhuma cerimônia
A notícia logo espalha
Dó nordeste à Patagônia
A promessa sempre falha
Caixão, choro e uma bandeira
Com as alças se embaralha
E as crianças pensam baixo
Pra que defunto quer medalha

E assim acaba tudo
Pro herói de tanta guerra
Veio falante e volta mudo
Pra profundidade da terra
Zé da venda, o Bugiganga
Pra viúva vai dizendo
Gente boa não se zanga
Coisa boa não encalha

Zé da venda compra tudo
De ferro velho a medalha

MEU NETO

JORGE MEDAUAR

Ergo-te agora em meus cansados braços,
que tanto labutaram nesta vida.
E sinto que me aflora aos olhos baços
a gota de uma lágrima furtiva.

Bem sei que por misteriosos laços
minha vida na tua está contida.
E quando me descubro nos teus traços,
quero que tudo em mim renasça e viva.

Mas sei que vou partir, quando amanheces.
É fatal que se cumpra a lei da vida.
Enquanto digo adeus, vives e cresces.

Assim, pouco me importa esta partida,
se em meu lugar tu ficas, permaneces
para que em teu sorriso eu sobreviva.

TANGO

XERXES GUSMÃO NETO

Piazzolla sempre vivo
saca seu bandoneon milagroso
e surge na minha sala, impotente
com suas tanguedias e milongas

Outro dia em Buenos Aires
vi um show de tangos
e havia todo um ato sobre piazzolla
e choramos juntos
Agora, os sons duros do Buenos Aires zero hora
inundam, invadem
e me transportam para o infinito
nas cordas de um violoncelo

Faz tempo aquela noite
o quinteto tocou a emoção do mundo
e vi
e ouvi
o piazzolla cósmico

E estão chegando naquele piano relutante
os acordes divinos do adios nonino
e a explosão do bandoneon
vem dizer que estamos vivos
e nos fala de sonhos e mistérios,
de emoções e acontecidos,
de um sentimento universal
tal qual
a viagem desta alma
pelos meandros dessa melodia
nesses oito minutos perfeitos
nessa imortalidade do artista
neste momento de luz
na eternidade
depois,
sorver a bebida num só gole
como se fosse a vida num só acorde

Os que fazem nossa terra

JOSÉ MOYSÉS

"Era o porvir – em frente do passado, a liberdade – em frente à escravidão" – Castro Alves

Uchôa de Mendonça, em uma das suas crônicas diárias, publicadas no "Caderno Dois" de A GAZETA, com o título "Os que fazem nossa terra", focalizou a pessoa de Antônio Moysés, um libanês que aqui aportou bem jovem, constituiu família, ganhou dinheiro e empregou-o em diversos empreendimentos imobiliários, fazenda e no seu tradicional comércio de sapatos.

Patriarca, nos dias presentes, de nossa grande família, Antônio dá exemplo de amor ao trabalho, a bondade de seu imenso coração, dedicado à família, bem constituída e inteiramente a serviço da comunidade capixaba. Uchôa de Mendonça realçou com precisão os dotes morais de Antônio Moysés, merecedor de todo o respeito da nossa sociedade, pelo que tem feito, por suas atividades e as de seus descendentes, pela terra, que o recebeu como sua segunda pátria.

Chegando ainda menino ao Espírito Santo, não voltou ao berço natal,

ao distante Líbano, no Oriente Médio. Enfrentou com destemor o determinação as árduas tarefas iniciais, no distrito de Monte Belo, município de Iconha, passando depois por Alfredo Chaves e, finalmente, em Vitória, onde, no dizer do cronista: "cresceu, merecidamente, mercê de sua coragem para enfrentar dificuldades, desafios".

Poucos os libaneses natos atualmente no nosso Estado; muitos no entanto, os brasileiros de origem libanesa. Imensas as contribuições ao progresso do Brasil e, em particular, ao do Espírito Santo. O governador Vítor Buaiz, deputados federais e estaduais, vereadores, magistrados, membros da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico, trazem em suas artérias o rubro sangue libanês, a vitalidade da raça e a capacidade de servir.

Como escreveu Mansur Chalita, a epopéia da imigração libanesa está naquele parentesco espiritual que nós, seus descendentes, perpetuamos através de

gerações. Para nós, o Líbano representa a figura do pai, avô ou bisavô, daquele que veio para o Brasil para ajudá-lo em seu desenvolvimento de maior país da América do Sul. Conservamos em nossos corações de brasileiros um cantinho especial para aquele Líbano distante, que só nos pede para sermos "os melhores homens e os melhores cidadãos possíveis".

Uchôa de Mendonça, ao destacar a pessoa de Antônio Moysés, imigrante libanês, exemplo de trabalhador incansável, triunfante da vida, vencedor das procelas, salientou com justiça o amor dos nossos maiores, dos nossos primeiros, à grande Pátria brasileira, gigante pela própria natureza.

A ele se aplicam as palavras iniciais do Hino do Trabalho: "Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho é riqueza, é virtude, é vigor".

● JOSÉ MOYSÉS é médico
(Extraído de "A GAZETA" - 23/07/97)

"Nas asas do vento"

MARIA HELENA T. DE SIQUEIRA

De repente o domingo sombrio deixou de ser uma frustração. O sol entrou pelos olhos "nas asas do vento" de Marilena Soneghet Bergmann.

Editado em 1994, com patrocínio da Lei Rubem Braga e da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, **Nas Asas do Vento** é daqueles livros que a cada releitura nos trazem novos encantamentos. Nunca se chega a todos os mistérios que Marilena sugere, deixando ao leitor a descoberta. Arriscamos algumas certezas. É ela que se pergunta no poema "Sacrário": "onde mora Deus agora?" – Por certo um dos seus lugares preferidos é a alma dessa poeta, eterna criança, apesar dos anos, cultivadora da ternura das coisas simples.

Nenhuma sofisticação, nem invencionice para ser original. Toda inspiração brota como fonte, nutrido-se "da seiva genética / do sentir com paixão". Muitas vezes descobre beleza nos gestos triviais com que encerra em tercetos alguns dos seus poemas.

"Fecho a janela.

Sorrio às rosas amarelas

E corro para fazer café", (Interlúdio)

"Sinto-me em ti como em um ninho;

tão repousada

como uma xícara de café com leite".

(Trivial)

Depreendo, na poeta e acadêmica capixaba, afinidades mil com o poeta de primeira grandeza – o gaúcho Mário

Quintana. Ambos tímidos, escondem-se num boné. Este, a pretexto do frio e do minuano. Aquela, sem nenhum pretexto, a não ser a sua brejeirice.

"Serei sempre o menino-poeta que esconde seus sonhos sob um velho boné".

Num País cheio de espantos Quintana encontra seus anjos e fantasmas. Marilena também: "Abro o baú/no empoeirado sótão/das lembranças/Revirados no baú/trechinhos de saudade". (Os sonhos têm névoas densas)

A nossa poeta usa como matéria prima a luz, a sombra, o sentimento, a nostalgia, a dor, o medo, a alegria... e descobre

"aranhas tecendo rendas com fiapos de sol".

Nas Asas do Vento são três em um. Dizem que cada parte que compõe um livro corresponde a uma fase evolutiva do autor. Sei lá! Quintana, o Aprendiz de Feiticeiro, adverte que nunca evoluiu, foi sempre o mesmo. Ela também quer asas para voar, sendo sempre a mesma. Num vôo de aprendiz (talvez de feiticeira) lança-se em revoada aturdida – "Vão de aprendiz".

Marilena não foge nem da Morte, nem de Deus. Celebra com força a vida, numa visão transcendental:

"O que é a morte, senão o hibernal momento que a vida é a vida?"

Nem de só delicadezas de asas são

fontes de sua inspiração. Sensualidade também. Amor que não teme se explicar.

"Há um estremeço no ar, como um fricote de amor". (Asas molhadas)

Assim como se sente "tão menina" em "Alma ensolarada", reconhece-se mulher plena em "Frisson":

"É esse ardor na pele, esse querer teu cheiro, ou resgatar teu gesto.

e esse gelo na espinha, queimando por dentro".

Seu corpo alvorece, percebe-se inteira em hora de amor:

"Meu corpo em tuas mãos se veste de luz e frêmitos.

Sou polpa de fruta, macios contornos.

Sou vales e montes ao claro de estrelas".

Felizmente, Marilena, que andou por tantas terras, viajou por tantos ares, aportou em tantos mares, está de novo entre nós para nos brindar, em breve, com outro livro.

"É potrinho!

Este coração selvagem cavalgando lembranças".

● Maria Helena Teixeira de Siqueira

A autora é escritora e membro da Academia Feminina de Letras.

(Extraído de "A GAZETA" - 27/07/97)

"Tributo à Mulher"

Por Windsor Calmon Tristão Fernandes — MÉDICO E RELAÇÕES PÚBLICAS DO IHGES



Elas estão em todos os campos profissionais: são médicas, dentistas, engenheiras, escritoras, professoras, advogadas, delegadas de polícia, policiais militares, nas forças armadas, políticas, etc. Competem com os homens nestas áreas, e, quase sempre, os superam pois são mais dedicadas. Fazem grandes esforços para compatibilizarem profissão com o papel de mães e esposas. Cumprem a missão sublime de darem a luz filhos que irão servir ao país. Em recente censo do IBGE, já ultrapassam os homens como eleitoras, e, irão decidir o futuro político do país no terceiro milênio. Assim são as mulheres do final do século XX e início do terceiro milênio: atuantes, dinâmicas, decididas, participativas, mães altruístas, esposas dedicadas.

Agradeço à minha mãe, Daria Banhos Tristão Fernandes, pelo exemplo que nos legou, conciliando profissão com a difícil e hercúlea tarefa de educar e criar doze filhos. Um grande líder religioso, mórmon, David O. McKay disse:

"A mulher foi tirada do homem, não dos pés para ser por ele pisada, mas do seu lado para ser igual a ele; de sob seu braço para ser protegida por ele; e de junto do seu coração para

ser amada".

Se todos os homens compreendessem que a mulher necessita não somente de riquezas e bens materiais, mas de carinho, compreensão, atenção, amor, não haveria tantos casamentos desfeitos e tantos lares destruídos. Homem e mulher devem olhar na mesma direção, juntos, para que possam ser felizes. Não é bom para o casal, a competição entre eles.

Mas, em diversos países e culturas, o sexo masculino é mais valorizado, em detrimentos do sexo feminino. Alguns países que possuem rigoroso controle de natalidade, o filho mulher, e, único, não é bem vindo, e chegam a interromper a gravidez, com consentimento do Estado. Muitos países chegam a praticar o infanticídio feminino da recém-nascida, para não onerar a família com a indesejada criança. Alguns países, geralmente orientais e de língua mulçumana, chegam a oficializar a clitoridectomia (exérese do clítoris) para que a mulher não tenha prazer na relação sexual, pois acham que a mulher só tem relações sexuais com fins reprodutivos. Em algumas sociedades, mesmo a nossa, a mulher é que tem assumir a contracepção, isentando-se os homens desta responsabilidade. Muitas mulheres engravidam ainda adolescentes, com evolução para gravidezes de alto risco, pois não recebem orientação contraceptiva dos serviços médicos e da família. Muitas mulheres grávidas sequer têm direito a uma boa assistência pré-natal, e usufruir dos

recursos da moderna medicina. Segundo a ONU (Organização Nações Unidas), e seu Orgão Mundial para a saúde (Organização Mundial de Saúde), cerca de 500.000 mulheres em todo o mundo morrem de complicações da gravidez e do parto.

Em países principalmente mulçumanos, fundamentalistas, a mulher vive em verdadeira clausura, sendo-lhe vedados direitos elementares como ser humano como votar, trabalhar fora, vestir-se como quer, etc. No Brasil, a mulher é ainda discriminada com relação aos salários, pois ganham menos em algumas profissões, embora trabalhem na mesma carga horária que os homens. São milhares de mulheres que se prostituem ainda crianças para sobreviverem; não podemos fechar os olhos aos milhares de mulheres que sofrem todo tipo de violência física, moral e sexual. Não podemos fechar os olhos às milhares de mulheres que não conseguem cursar uma faculdade ou Universidade, pois não podem pagar um Curso Pré-Vestibular, pois tem que trabalhar para ajudarem na sobrevivência da família, e quase sempre abandonando a Escola.

Nós, homens, e a sociedade como um todo, devemos assumir uma postura contra atos da sociedade, de grupos religiosos, e do próprio Governo, que venham a discriminar a mulher. Não devemos esquecer que a mulher é que torna este mundo mais romântico e doce para se viver. É a mulher que torna a vida mais doce e alegre. Por isto, presto tributo e reverência a você mulher.

A literatura infanto-juvenil e a escola

FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO

"Quando escrevo para crianças sou compreendida, mas quando escrevo para adultos fico 'difícil'? Deveria eu escrever para os adultos com as palavras e os sentimentos adequados a uma criança? Não posso falar de 'igual para igual'?" (Clarice Lispector).

Uma das grandes dificuldades em trabalhar com as crianças utilizando textos da literatura, é justamente esta apontada por Clarice Lispector: encontrar "palavras e sentimentos" que tornem o texto literário um diálogo de "igual para igual" entre adultos e crianças.

Como conseguir isso sem reduzir os valores que devem ter uma obra literária? O desafio é ainda maior quando se sabe que, muitas vezes, os textos literários, principalmente os dirigidos ao leitor jovem ou criança, têm servido de pretexto para lições de moral e didatismo, em que o adulto tenta capturar a suposta inocência da criança para colonizá-la culturalmente.

Monteriro Lobato, ao criar a literatura infanto-juvenil brasileira, na década

de 20, rompe com uma tradição moralizante, educativo-pedagógica da literatura brasileira, escrita para o público leitor jovem, que era mais um "pastiche" da literatura reescrita em Portugal e vinda de outros países europeus. No entanto, só teve seguidores à altura a partir dos anos 70, quando surgiram os textos de Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo e Lygia Bojunga Nunes, dentre outros, que elevaram o estatuto da literatura infanto-juvenil ao estágio em que se encontra hoje, premiada e reconhecida internacionalmente.

A literatura, por ser um produto cultural do homem, criada por seu "imaginário", é fruto de sua necessidade de transformar em símbolos e representações suas angústias, ansiedades, desejos e frustrações. Por isso, não se pode desvincular literatura infanto-juvenil. Esta, embora tenha uma linguagem própria, e um sentimento adequado, deve estabelecer uma comunicação de troca entre o adulto-emissor e a criança ou jovem leitor-receptor.

Para quem se propõe estudar ou trabalhar com a literatura feita para crianças e jovens, é imprescindível saber que: a) A literatura

infanto-juvenil é um fenômeno cultural-artístico, que deve ser construído em linguagem predominantemente poética, com função estética; b) Toda arte é simbólica. A literatura, enquanto "arte da palavra", poderá perder seu valor de dialogar mais profunda e abrangente com maior número de receptores, não despertando a reflexão e a criação que se devem esperar de um texto artístico; se prender privilegiar o caráter educativo ou informativo.

Os textos literários são importantes pontos de partida para a leitura do mundo, da vida social e do mundo individual. Sob a rubrica da literatura infanto-juvenil, muito se tem escrito e publicado para crianças e jovens. No entanto, a escola não tem conseguido criar o gosto pela leitura entre eles. Os educadores devem descobrir, para poder transmitir, que a leitura é o estabelecimento de diálogos entre os homens, no tempo e no espaço, uma forma simbólica de registrar a responsabilidade pela palavra escrita.

● FRANCISCO AURÉLIO RIBEIRO é escritor e professor de Literatura. (Extraído de "A GAZETA" - 03/08/97)

Mágicas

CARLOS NEJAR

Autobiografia

Nasci num rio muito grande. Era verde: continuei nascendo.
 Recuar não é a vocação dos meus sentidos.
 Todas as separações se foram prolongando, até voltarem à inicial vertigem. Depois, não nasci mais, pois tinha nascido excessivamente. Nem morria.
 Mas a linha da aurora foi soldada por uma linguagem, que só às aves servem. Talvez, ela seja outra espécie de ave. Porém, com duas mãos a aurora nasce.
 Os peixes que conheci não eram ervas. Por serem vivos, continuavam nascendo. E concedi que a vida balbuciasse.
 Deixei mais nômade do que eu, vagar o amor. Apenas descansou, quando acordei.

Fui muitos livros, mas nenhum me leu, salvo as agrestes, pirilampas línguas.
 Num relâmpago, gravei toda a primeira infância. E o planeta da longe adolescência, transladei em fogo. Mais lúcido e novo levantei, depois que terminara de morrer.

Pequena elegia

Por que todas as lajes se recobrem de vozes?
 E todas as idades são lápides de fogo?
 Viver é muito perto.

Doronda

Na dor, a noite é grande e sem

montanhas e nenhum vento soa.
 Mais longa e mais estranha do que a noite.
 Cortar o sulco, o soluço.
 Cortar a escura pedra do organismo.
 Cortar, cortar, cortar.
 E Deus ainda é possível

● CARLOS NEJAR é poeta
 (Extraído de "A GAZETA" - 27/03/97)

PROGRAMAÇÃO PARA O 2º SEMESTRE DE 1997

AGOSTO

- 6, 13, 20** – Reuniões da Diretoria, abertas aos sócios. (RD-as)
27 – RD-as – Lançamento do livro de Carlos Nejar – "Os dias, pelos dias"

SETEMBRO (Mês dedicado à cidade de Vitória)

- 3** – Palestra de Willis de Faria sobre **Parques de Vitória**.
10 – Palestra de Ricardo Brunow Costa sobre **Crescimento Físico da Ilha de Vitória**
 Tarde do chorinho.
17 – Palestra de Érico de Freitas Machado sobre **Desenvolvimento Orquidófilo no Espírito Santo e Exposições realizadas em Vitória**.
24 – Palestra de Maria Izabel Perini Muniz sobre a **Nova Arquitetura de Vitória**. Lançamento do livro de Maria Izabel Perini Muniz – "Cultura e Arquitetura – a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo".

OUTUBRO

- 1** – RD-as
8 – Palestra de Irysson da Silva sobre **Alberto Stange Júnior**.
15 – RD-as
22 – RD-as
29 – Lançamento da Revista, nº 49 (especial em homenagem ao IV Centenário do falecimento do Padre Anchieta).

NOVEMBRO

- 5** – Comemoração do Dia da Cultura
12 – RD-as
19, 20 e 21 – Seminário em homenagem a Almeida Cousin sobre História e Literatura. (programa a ser divulgado oportunamente).
26 – RD-as

DEZEMBRO

- 3** – RD-as
10 – Almoço semestral de confraternização.
17 – Comemoração do Centenário do Benemérito Almeida Cousin com lançamento dos livros Coleção "Almeida Cousin"
 Início do recesso de verão.